

DÍVIDA

Previsões muito otimistas para o País

Enquanto em Brasília o secretário de Assuntos Econômicos da Secretaria de Planejamento, Paulo Nogueira Batista Júnior, estimava que uma redução de 2% nos níveis de juros que incidem sobre a dívida flutuante traria ao País uma economia de US\$ 1,5 bilhão, o diretor do Banco Lar Brasileiro, associado ao Chase, Carlos Manuel Peláez, fazia no Rio outra previsão otimista: o Brasil obterá uma estabilização econômica em prazo bem inferior ao que a Argentina terá de enfrentar.

Nogueira Batista fez sua estimativa, diante de informações que circularam ontem, em Brasília, segundo as quais o Brasil estaria defendendo junto à comunidade de bancos credores três pontos: 1) redução dos juros de cerca de 8% para 6%; 2) a transformação de parte da dívida em crédito para investimento interno; 3) a transferência da Nova York para Genebra do foro internacional para consenso entre credor e devedor.

A questão do foro essencialmente política e a transformação da dívida em crédito já foi feita durante o governo Figueiredo, resultando em redução no nível de investimento efetivo. Muitas empresas multinacionais aproveitaram-se para comprar créditos de bancos junto ao Brasil, com folgado deságio, e cada se beneficiaram de incentivos fiscais.

Austral x Cruzado

Segundo o diretor do Banco Lar Brasileiro explicou, contribuirão decisivamente para a reestruturação mais rápida do Brasil, o superávit do balanço de pagamentos e a existência de um setor industrial mais apto ao atendimento de uma retomada ao desenvolvimento.

Após explicar que tanto no modelo de recuperação brasileira como no Plano Austral não se verifica a possibilidade de um processo recessivo, Peláez ressaltou que entre os dois a grande semelhança existente foi a inflação elevada, "pois os métodos utilizados são diferentes em pontos considerados prioritários".

Acrescentou que a economia brasileira tem condições mais propícias para registrar resultados positivos, razão pela qual considerou o Brasil como "o país que, no momento, reúne os melhores atrativos para a aplicação de investimentos". Para a economista do Chase, o cenário econômico mundial também é propício ao êxito do programa decretado pelo presidente José Sarney, pois é nítida a tendência de redução das taxas de juros e queda nos preços do petróleo.

Para Peláez, a economia brasileira entrará em nítido processo de recuperação, que levará o País a importar mais máquinas e equipamentos para ampliar a capacidade do seu parque industrial produtivo.

Cai a taxa de descontos. Nos EUA e no Japão.

Tomando uma decisão que era provável mas não segura, o Federal Reserve Bank — que é efetivamente o Banco Central dos Estados Unidos — baixou a taxa de descontos americana de 7,5 para 7. É a primeira diminuição em quase um ano — desde maio de 1985, quando a taxa baixou de 8 para 7,5%.

Numa reação imediata ainda ontem de manhã, os principais bancos novaiorquinos baixaram sua taxa preferencial (prime rate) de 9,5 para 9. O primeiro foi o Chase, seguido numa reação em cadeia pelo Bankers Trust, Morgan, Chemical e outros bancos importantes.

A medida era esperada, mas sem nenhuma certeza. Um dos sinais foi a queda do dólar em vários mercados. Os observadores melhor informados atribuíram a atitude dos especuladores à possibilidade de uma queda nas taxas de desconto americanas.

Em outros setores, porém, restava ainda ontem um certo ceticismo. O principal argumento era o de lembrar as recentes declarações de Paul Volcker — o presidente do Federal Reserve — no sentido de que achava que uma queda excessivamente rápida do dólar não era desejável para a economia americana. E Volcker não é homem que ceda facilmente às pressões da administração Reagan e do Congresso em favor de um crescimento que poderia ser inflacionário a médio prazo.

Contudo, o anúncio sucessivo de que os bancos centrais alemão e japonês haviam baixado suas taxas de desconto tornou quase inevitável a reação americana. O Bundesbank, o Banco Central alemão, anunciou na quarta-feira que reduziria sua taxa de descontos, de 4 para 3,5. E os rumores de que o Banco do Japão faria a mesma coisa foram confirmados na madrugada de ontem, quando a taxa de descontos japonesa foi diminuída em meio ponto — a partir de segunda-feira. **Hugo Estenssoro, de Nova York.**